

RURAL SEMAMAL

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
ANO XXIII - nº 3 - 21 a 27 de março de 2016



Especial
Mês das Mulheres

Mulher UFRRJ

Depoimentos de ruralinas que ajudam
a construir a Universidade P.5

Luta histórica

As origens do Dia Internacional da Mulher P.4

Entrevista: Solange Brandolini

Ex-aluna da Rural e diretora do ICBS fala sobre o
papel das mulheres no ambiente acadêmico P.3

Editorial

A presença desse Março

Presentes nos municípios de Seropédica, Nova Iguaçu, Três Rios, Campos dos Goytacazes e Rio de Janeiro, dedicam grande parte de suas vidas para dar vida à UFRRJ. Para cumprir essa importante missão, chegaram em diferentes momentos e vindas dos mais diversos locais do país e do exterior.

Aqui estudam, ensinam, pesquisam, administram, tendo como ponto comum de suas trajetórias cotidianas construir caminhos que possam ser visíveis pela sociedade brasileira e por meio dos quais seja possível mostrar a importância da educação, em todos os seus níveis e formas que praticamos na UFRRJ, como o seu principal fundamento.

Nessa tarefa árdua e diária, a partir de seus diversos perfis profissionais, transformam seus gabinetes, salas de aulas e laboratórios em espaços que, pela troca de experiências que realizam, potencializam e amplificam as capacidades de seus interlocutores, quer sejam estudantes ou não, para novos estudos, novas pesquisas. Como consequência, contribuem para a superação dos desafios na busca de uma sociedade mais fraterna e com menos desigualdades.

Por outro lado, a experiência da série de outros compromissos – para os quais se dedicam no compartilhamento diário fora dos ambientes da Rural – permite redimensionar suas ações nos processos institucionais que são de suas competências. Assim, elas conduzem essas tarefas como educadoras dentro de uma instituição de educação, gerando e transmitindo novos conhecimentos a partir dessas ações.

Ao colocá-las em suas atividades diárias como estudantes, professoras, pesquisadoras e administradoras, entendemos que é possível ver nesse conjunto, cada uma das mulheres que encontramos, diariamente, em todos os ambientes da UFRRJ. Elas constroem, com sua constante dedicação, os caminhos por onde deveremos seguir no fortalecimento de nossa sociedade, com base em princípios garantidores da Liberdade e da Justiça que, originadas no cuidado com a Educação, têm ambas presença no gênero feminino. ■

Calendário Acadêmico

Março

24 – Término do prazo para renovação do trancamento de matrícula através do *Quiosque Alunos*.

25 – Feriado Nacional (Sexta-feira Santa).

29 – Prazo final para cancelar a matrícula em uma ou mais disciplinas; data final para solicitação de movimentação interna [mudança de câmpus, de turno, de modalidade (presencial ou à distância) no mesmo curso de graduação].

Abril

21 – Feriado Nacional (Tiradentes).

23 – Feriado Estadual (Dia de São Jorge).

28 – Prazo final para solicitação de reingresso interno para nova modalidade/habilitação no mesmo curso de graduação da UFRRJ.

Maio

1 (domingo) – Feriado Nacional (Dia do Trabalhador)

16 – Dia para realização Atividades Coletivas e Interdisciplinares (cursos, departamentos, institutos, câmpus).

26 – Feriado Nacional (Corpus Christi).

Calendário completo em <http://portal.ufrj.br/institucional/calendario>

Opinião

8 DE MARÇO: O QUE TEMOS A COMEMORAR?

• *Moema de Castro Guedes, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFRRJ)*

O mês de março é marcado pela série de mobilizações e atividades que lembram a luta das mulheres em prol da igualdade nas mais diversas esferas: mundo do trabalho, espaços de poder, direito ao aborto, fim da violência doméstica, entre outros. Embaladas pelas intensas manifestações ocorridas no fim do ano passado e por campanhas nas redes sociais como “meu primeiro assédio”, uma geração mais jovem de mulheres trouxe à cena e denunciou o machismo cotidiano, naturalizado por práticas sociais que constroem e (ainda) inferiorizam a população feminina.

Diante desse cenário, torna-se claro que as demandas historicamente construídas pelo feminismo estão mais atuais que nunca. No caso brasileiro, um vetor importante dessa mudança foi o intenso processo de escolarização das mulheres. Desde os anos 1980 já somos maioria na população de nível universitário e recentemente passamos a ser maioria também entre mestres e doutores. Esse intenso avanço no campo educacional, no entanto, não vem sendo acompanhado por um processo de diminuição das desigualdades de gênero no mercado de trabalho.

Primeiramente, isso se deve a uma divisão sexual do trabalho que já legitima o provimento das mulheres nos lares, mas ainda concentra enormemente as tarefas de cuidado em mãos femininas. A pesquisa de usos do tempo, divulgada pelo IBGE neste mês, atesta que nos dez últimos anos não houve nenhum aumento no tempo gasto pelos homens com afazeres domésticos e as chamadas jornadas totais de trabalho feminino – que incluem trabalho voltado para o mercado e trabalho doméstico – seguem sendo muito superiores às masculinas em todos os segmentos sociais.

“Desde os anos 1980, já somos maioria na população de nível universitário e recentemente passamos a ser maioria também entre mestres e doutores. Esse intenso avanço no campo educacional, no entanto, não vem sendo acompanhado por um processo de diminuição das desigualdades de gênero no mercado de trabalho.”

Outra dimensão importante deste debate é o tímido papel ocupado pelo Estado através de políticas públicas como creches e licença paternidade, que desconstruam as tradicionais identidades de gênero.

O próprio movimento sindical no Brasil não reconhece a questão de gênero como uma pauta prioritária. Nesse sentido, cabe pensarmos essas questões não como interesse de apenas um grupo ou solidariedade do outro. Trata-se, sobretudo, de estruturas e instituições que legitimam e reproduzem injustiças e desigualdades. ■



Idealizadora. Solange Brandolini é uma das primeiras diretoras de institutos na Rural

CORAGEM E DETERMINAÇÃO

Diretora do ICBS identifica os desafios e prazeres de ser mulher na Universidade Rural

• Bruna Somma

Mãe, filha, esposa, amiga, neta, comadre. Muitas são as atribuições para o ser mulher. De uns tempos para cá, no entanto, essas denominações ganharam uma nova roupagem. As mulheres vêm ocupando outros espaços, como os altos cargos da sociedade. Solange Viana Paschoal Blanco Brandolini é um bom exemplo. Diretora do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS) iniciou seus estudos na Rural em 1983, onde também cursou mestrado e doutorado em parasitologia. A docência veio em seguida, como algo natural.

Um convite, entretanto, foi um divisor de águas em sua carreira. Solange foi indicada para participar da Comissão Consultiva que elaborou o Plano de Reestruturação e Expansão (PRE) do ensino superior, o que lhe trouxe nova perspectiva sobre a Universidade, dessa vez pelo viés administrativo. Posteriormente, se candidatou à chefia do Departamento de Biologia Animal, tendo êxito por dois mandatos. Em 2013, decidiu se candidatar à direção do ICBS, antigo Instituto de Biologia (IB), no qual permanece como gestora até 2017. O poder, contudo, não a seduz. “A gente cria raízes na Rural. Fui aluna daqui, de uma graduação gratuita e de qualidade e eu estou tendo chance agora de dar minha contribuição, meu retorno”, afirma a educadora.

Como a senhora se sente por ser mulher e ocupar um cargo de chefia?

Solange Brandolini – Por muito tempo, principalmente essa parte de gestão, era uma prerrogativa masculina. Acho que, aos poucos, essa lógica foi se desmistificando. Muita gente foi conseguindo conquistar novos espaços. Acho que temos conseguido contribuir para ter uma administração, uma Universidade mais igualitária. As pessoas têm uma visão bem equivocada sobre autoridade. Ela não precisa estar associada à exasperação, à truculência. Você a demonstra na clareza de suas atitudes, mostrando que tem um propósito, que está trabalhando pelo coletivo, que não está priorizando. É um olhar, uma experiência de vida diferente. Isso é inegá-

vel. Muitas vezes, a gente percebe coisas com a nossa sensibilidade, que os homens não conseguem.

Segundo o Censo da Educação – divulgado em 2014 – cerca de 55% dos estudantes matriculados no ensino superior são mulheres. Como a senhora avalia esse quadro?

S. B. – A gente percebe que, em alguns cursos, temos mais mulheres do que homens. Por exemplo, tradicionalmente o curso de Ciências Biológicas sempre teve mais alunas do que alunos. O que eu tenho reparado, talvez seja um reflexo dessa pesquisa, é que as mulheres estão buscando novos espaços na sociedade. E, por isso, vemos uma procura maior pelo ensino superior. Por termos mais mulheres, os desafios também cresceram. Talvez agora, a gente tenha uma mudança no comportamento. Ainda temos muito machismo, muita discriminação. Mas eu acho que vamos nos colocando, ocupando os espaços e mostrando que somos profissionais, competentes, do mesmo jeito que eles. Acho que a gente vai se fazer respeitar, cada vez mais.

Como é ser mulher na Universidade Rural?

S. B. – No meu caso, é um desafio que se vence a cada dia para mostrar que ser uma diretora mulher não tem importância. Ser mulher é conseguir harmonizar o ser humano, a cidadã, a professora, a mãe, a orientadora. A mulher tem, por natureza, esse dom de tentar agregar. Aconchegar mais, trazer as pessoas para perto, conversar com o olho no olho, atentar para um detalhezinho, que para o homem, talvez, passasse despercebido. A gente tem a sensibilidade à flor da pele. Ser mulher na Rural é precisar vencer, todo dia, novos desafios. Seja realmente se fazendo respeitar, mostrando que não faz sentido – no momento em que vivemos – ter qualquer discriminação. Não faz sentido ser desrespeitada, não ser atendida como direção do instituto, pelo fato de ser mulher.

Qual conselho gostaria de conceder às jovens mulheres que estão ingressando na Rural?

Não desistam dos seus sonhos, dos seus ideais. Sobretudo, sejam vocês mesmas. Não cedam às pressões, não se violentem tentando se adaptar. A gente se faz respeitar. Não é preciso ir para nenhum modismo para ser aceita pelo grupo. Eu acho que quando você é autêntica e tem princípios e objetivos, as pessoas te respeitam mesmo que você seja diferente. Existem muitos atrativos, mas acho que meu principal conselho é que vocês não se percam. Que persistam em seus ideais. ■



Liberdade e igualdade. Nos anos 1960/70, as mulheres protagonizaram movimentos que almejavam transformações sociais e comportamentais

GUERREIRAS DA HISTÓRIA

As origens do Dia Internacional da Mulher e o papel da luta feminina na era contemporânea

• João Henrique Oliveira

Uma das versões mais disseminadas sobre as raízes históricas do Dia Internacional da Mulher faz referência a um episódio de repressão a uma greve de operárias têxteis em 1857, em Nova York, Estados Unidos. As trabalhadoras haviam ocupado a fábrica para reivindicar redução da jornada de trabalho, equiparação salarial aos homens (que chegavam a receber três vezes mais pelo mesmo serviço) e mais dignidade no ambiente de trabalho. A resposta dos patrões, auxiliados pelas forças policiais do Estado, foi trágica: trancaram as manifestantes e incendiaram o local, o que resultou na morte de cerca de 130 tecelãs.

Contudo, não há consenso entre os pesquisadores, e outros episódios são citados como possíveis origens da data comemorativa. Mas há um aspecto que une todos eles: o protagonismo feminino em lutas por melhores condições de vida e trabalho, além do desejo de maior participação política. Essas bandeiras uniram as militantes a partir do século 19, principalmente na Europa e nos EUA, num contexto de expansão industrial e intensa exploração da força de trabalho. Nesse sentido, mulheres e crianças eram as que mais sofriam, com exaustivas jornadas, altos índices de acidentes de trabalho e salários inferiores aos dos homens.

Segundo a Radioagência Nacional (que fez um programa especial sobre o tema, disponível em <http://goo.gl/vakXpiD>), o primeiro dia nacional da mulher que se tem registro ocorreu em maio de 1908, nos EUA, quando cerca de 1.500 ativistas se manifestaram pela igualdade econômica e política no país. Em 1910, durante a Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, na Dinamarca, foi aprovada uma resolução para a criação de uma data anual para a celebração dos direitos femininos. A partir de 1911, a data foi comemorada em diversos países, em dias diferentes.

Em 23 de fevereiro de 1917 – que, no antigo calendário Juliano, corresponde ao dia 8 de março – mulheres russas tomaram as ruas de Petrogrado em manifestação contra a guerra e a fome. Paralelamente, operárias têxteis entraram em greve. “As manifestações cresceram, envolveram outros grupos e deram início à Revolução Russa”, de acordo com o programa “História Hoje”, da Radioagência Nacional.

A data acabou sendo oficializada como Dia Internacional da Mulher, em 1921. Em 1945, a Organização das Nações Unidas (ONU) assinou o primeiro acordo que afirmava princípios de igualdade. Em 1975, o Ano Internacional da Mulher foi comemorado oficialmente. Dois anos depois, o 8 de março foi reconhecido pela ONU.

“A mais importante transformação histórica da época contemporânea foi a mudança na condição da mulher e de seu papel na sociedade. Tal mudança foi efetuada, de modo coletivo, pelas próprias mulheres”

Cornelius Castoriadis, filósofo

Na ciência e na educação, as mulheres também tiveram de conquistar seu espaço. Entre as desbravadoras, destaque para a polonesa Maria Skłodowska (1867–1934), mais conhecida como Marie Curie. Ela foi a primeira ganhadora do Prêmio Nobel, em 1903, por conta de seus estudos sobre radioatividade.

A primeira médica veterinária formada no Brasil foi Nair Eugênia Lobo, que concluiu seu curso, em 1929, na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (Esamv), instituição que deu origem à UFRRJ. No Centro de Memória da Rural, está exposto o quadro de sua formatura, com seu retrato (*abaixo*).

Outra cientista de renome que fez parte do universo ruralino foi Johanna Döbereiner (1924–2000), que teve perfil publicado no **Rural Semanal** (edição 2/2015). Suas pesquisas sobre fixação de nitrogênio no solo tiveram enorme impacto no meio científico e possibilitaram o aumento da produção agrícola do Brasil.

Neste limitado espaço, não é possível citar outros exemplos de mulheres (notáveis e anônimas) que fizeram diferença. Mas sua importância na história recente é incontestável. Testemunha das transformações comportamentais dos anos 60 e 70 – que contaram com significativa participação feminina – o filósofo Cornelius Castoriadis (1922–1997) resumiu assim a atuação delas: “A mais importante transformação social e histórica da época contemporânea [...] foi a mudança na condição da mulher e de seu papel na sociedade. Tal mudança, que não estava no programa de nenhum partido político, [...] foi efetuada de modo coletivo, anônimo, cotidiano, pelas próprias mulheres [...]”. (Em *As encruzilhadas do labirinto*, Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1992). ■



Pioneira. Nair Eugênia Lobo, da Esamv



Geradoras de vidas. Adriele Santos, estudante de Ciências Contábeis, em pleno exercício de um privilégio feminino: a maternidade

MULHER UFRRJ

Histórias de vida e opiniões de ruralinas que ajudam a construir nossa comunidade universitária

• Bruna Somma e Natália Loyola

Neste mês das mulheres, a equipe da Coordenadoria de Comunicação Social da UFRRJ colheu o depoimento de algumas delas, que compartilham o espaço ruralino – como estudantes, técnicas-administrativas ou professoras – e ajudam a construir e fortalecer a comunidade universitária. As entrevistas fazem parte da *Série Mulher UFRRJ*, que foi publicada no site da Rural ao longo de março. As entrevistadas foram selecionadas aleatoriamente e puderam manifestar livremente suas opiniões. Agradecemos a todas que concederam seu tempo, sua imagem e compartilharam sua história conosco, além de relatar, sob seu ponto de vista, a experiência de ser mulher.

– Ser mulher é ser uma pessoa que está enfrentando obstáculos a todo o momento. Olhando pela história, é aquela que, no passado, não tinha o direito de voto, era submissa e depois conquistou sua independência. Acredito que ser mulher é ser uma pessoa normal, a parte do gênero não é determinante para a relação do ganho salarial. Também somos pessoas. O que nos diferencia? O sexo? Eu acho isso um pouco banal para a forma que é hoje no mundo – disse Adriele Santos, de 20 anos, aluna do 6º período de Ciências Contábeis. ■



Ana Clara da Silva, 19 anos
Estudante de Medicina Veterinária

“Ser mulher é não ter medo de se impor, não ter medo de desagradar. Porque se deixar – não só eles, como algumas mulheres – vão continuar a pensar dessa maneira, infelizmente”.



Sueli Juvenal, 65 anos
Assistente administrativa

“Ser mulher, para mim, é ser companheira, amiga, boa mãe, boa esposa. Ser mulher é tudo!”.

“Ser mulher é ser forte, se dedicar a uma família. A mulher sabe fazer tudo: ao mesmo tempo em que trabalha, cuida dos filhos e da casa, se dedica aos estudos... Se eu pudesse nascer de novo, eu escolheria ser mulher”.



Fernanda Moreira, 21 anos
Recepcionista da Reitoria

“Eu acho que as mulheres representam muito bem essa Universidade. Eu fico admirada e fico mais forte quando eu vejo algumas militando. Fico admirada também com a compaixão que uma tem pela outra. Abraçar a causa da outra e apoiar é o que me faz ter orgulho de ser ruralina”.



Marcela Machado, 21 anos
Estudante de Agronomia

GESTÃO AMBIENTAL ORGANIZA SEMINÁRIO SOBRE PESQUISAS QUALITATIVA E QUANTITATIVA

O Núcleo de Estudos sobre Trabalho, Políticas e Desenvolvimento (NETPD) e os estudantes do curso de Gestão Ambiental do Instituto Três Rios da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (ITR/UFRRJ) convidam para o 'Seminário Pesquisa Qualitativa e Quantitativa: Suas possibilidades'. O evento, que será realizado em 29 de março de 2016, das 16h às 18h, no auditório do ITR/UFRRJ, é gratuito e aberto à comunidade acadêmica. Não é necessário fazer inscrição, mas haverá lista de presença e emissão de certificado.

O NETPD é coordenado pelos professores Julianne Alvim Milward de Azevedo e Luis Cláudio Meirelles de Medeiros, do Departamento de Ciências do Meio Ambiente (DCMA/ITR/UFRRJ), e o 'Seminário Pesquisa Qualitativa e Quantitativa: Suas possibilidades' será apresentado pelos estudantes que integram o núcleo. Mais informações: netpd.ufrrj@gmail.com. (Por Aline Avellar, ITR).

AULA MAGNA DO MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO

A Aula Magna do Mestrado Acadêmico em Administração da UFRRJ foi realizada em 29 de fevereiro, contando com presença dos docentes e discentes do curso. A coordenação atual, representada pelos professores Maria Gracinda Carvalho Teixeira e Luiz Alberto de Lima Leandro, promoveu um debate sobre os desafios atuais do programa e suas perspectivas futuras para atingir melhores patamares internos, institucionais e junto às agências reguladoras.

O curso já abriu sua terceira turma, que iniciará em março de 2016, e comemorou, nessa ocasião, a primeira defesa deste programa de Mestrado, ocorrida no mesmo dia. O evento encerrou-se com uma calorosa confraternização no espaço da Pós-Graduação (PPG). A primeira mestra do curso, Marina Teixeira Gonçalves, orientanda da professora Janaina Machado Simões, inicia nessa mesma semana seu Doutorado em Administração na UFRGS, o que mostra a preocupação dos professores com a excelência na formação e orientação dos seus mestrandos.

QUIOSQUE DE COMPRAS

O Departamento de Material e Serviços Auxiliares (DMSA) comunica que o Quiosque de Compras estará disponível para realizar pedidos no período de 4 a 8 de abril. Obtenha mais esclarecimentos e conheça o cronograma de aquisições 2016 através dos links a seguir:

- **Informações Quiosque de Compras 2016:** <http://goo.gl/hZrJMt>
- **Cronograma de Aquisições 2016:** <http://goo.gl/9rzdll>
- **Memorando circular nº 03/2016/DMSA (açúcar, café, copo descartável e papel A4):** <http://goo.gl/EOf1Tq>
- **Quiosque de Compras:** <http://goo.gl/znxqj>

O DMSA coloca-se à disposição para esclarecer demais dúvidas pelo telefone 2681-4722 ou pelo e-mail especificacoes_dmsa@ufrrj.br.

NOTA DE FALECIMENTO

É com profundo pesar que informamos o falecimento, em 20 de março, de nosso querido colega de trabalho Nilton Ferreira da Rosa. Sempre discreto, Niltinho desempenhava com muita qualidade e responsabilidade o seu papel institucional. Os amigos e colegas da UFRRJ certamente sentirão muito a sua ausência. Que Deus, em sua infinita bondade, receba o nosso colega e lhe conceda a paz eterna e conforte o coração de amigos e familiares.

Diretoria do Instituto de Florestas (IF/UFRRJ)



O CineCasulo apresenta, em 23/3, às 19h, no Auditório Gustavo Dutra, o filme *Os Oito Odiados* (The Hateful Eight), de Quentin Tarantino (2015).

Sinopse: Durante uma nevasca, o carrasco John Ruth (Kurt Russell) está transportando uma prisioneira, que ele espera trocar por grande quantia de dinheiro. No caminho, os viajantes aceitam transportar o caçador de recompensas Marquis Warren (Samuel L. Jackson) e o xerife Chris Mannix (Walton Goggins). Como as condições climáticas pioram, eles buscam abrigo no Armazém da Minnie, onde quatro outros desconhecidos estão abrigados. Aos poucos, os oito viajantes no local começam a descobrir os segredos sangrentos uns dos outros, levando a um inevitável confronto entre eles.

#ruralnafoto



O tema da última semana foi "**Mulheres da Rural**". A foto escolhida foi tirada por Beatriz Ladislau (@beatriz1) "Missão 1. #yoga #ruralnafoto #ufrrj #escolalivre #escolalivrerrural". Além de a fotografia sair aqui no **Rural Semanal**, também a colocaremos na página oficial da UFRRJ no Facebook (facebook.com/universidadefederalrural). O tema da próxima semana é "**Outono na Rural**". Participe!

Expediente



/universidadefederalrural



/universidadefederalrural



@ufrrjbr

Reitora: Ana Maria Dantas Soares | **Vice-Reitor:** Eduardo Mendes Callado | **Pró-Reitor de Assuntos Administrativos:** Pedro Paulo de Oliveira Silva | **Pró-Reitora de Assuntos Financeiros:** Nidia Majerowicz | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto da Ros | **Pró-Reitora de Ensino de Graduação:** Ligia Machado | **Pró-Reitora de Extensão:** Katherina Coumendouros | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Valdomiro Neves Lima | **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | Coordenadora de Comunicação Social:** Cristiane Venancio | **Jornalistas:** Aline Avellar, Fernanda Barbosa e João Henrique Oliveira | **Secretário:** Daniel Dias | **Estagiários:** Bruna Somma, Caroline Feijó, Larissa Bozi Lima, Luis Henrick Teixeira e Natália Loyola | **Capa:** Larissa Bozi Lima | **Diagramação:** João Henrique Oliveira | **Projeto Gráfico:** Raomi Pani | **Redação:** BR 465, Km 47. UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | **CEP:** 23897-000 | **Tel:** (21) 2682-2915 | **E-mail:** comunicacao@ufrrj.br | **Portal:** www.ufrrj.br | **Impressão:** Imprensa Universitária | **Tiragem desta edição:** 1500 exemplares



RURAL SEMANAL

Informativo da UFRRJ

ANO XXIII - nº 3 - 21 a 27 de março de 2016



<http://iq-cto/0y57>